



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES — ANO IX N.º 218 Preço \$100

DOCTRINA

A NOSSA FESTA NO COLISEU

Neste número dá-se à estampa um breve relato da festa do Coliseu, bem como os discursos de três rapazes que os escreveram. O Carlos Gonçalves também falou, sim, mas foi de cor. Estes, tinham sido convidados por mim. A cada um dei o lamiré mas a música é deles. A matéria e a forma são deles. É muito importante que os leitores d'hoje saibam e considerem este ponto, para assim compreendem aonde eu quero chegar.

A seguir a este facto, vem outro de que também precisamos para argumento. Foi quando os 4 Padres da Rua entraram no palco e o público, como se nas bancadas houvesse molas invisíveis, ergue-se em peso! A enchente passava de três mil. Todos tinham gozado os feitos e os ditos dos cradores e dos artistas; e estavam ali no palco a passar de 200 rapazes. O falar deles não era a fingir. O erguer da assistência também não. As duas forças uniram-se. O choque deu-se. A multidão não se contém. Aquilo foi um derrame natural. É o imperativo.

Que nós estamos a fazer uma revolução, não resta dúvida nenhuma. Tão funda e subtil, que os mais arrastados por ela são precisamente os que ainda se não deram conta! Este movimento da hora presente, por ser interior e pacífico, afecta as almas e pede medidas adequadas. Da prestação de contas, estamos armados, sim, mas nós queremos ir mais longe. Nós pretendemos que a Nação nos ame e nos ampare e nos reconheça por uma Família Portuguesa. Nunca como hoje o mundo esteve cheio e ameaça encher-se cada vez mais de crianças sem família; umas porque a não têm, outras, sim, mas não serve. Reformatórios e Asilos, concordam com seus estatutos, mas de maneira nenhuma com o ser de cada rapaz. O que ali se faz e diz, responde, sim, às exigências do estabelecimento, mas não às exigências da alma do educando.

São obras de adultos, pelos adultos.

Faltai-lhes o bafo de mãe. Ora o menor quer e procura e espera a sua mãe.

Não a tendo, ou tendo-a e não servindo, que a obra aonde se encontra lhe seja mãe, e ele será naturalmente feliz.

De outra sorte não. É dos livros. O Mistério da Encarnação confirma. A Família de Nazaré é norma.

O precisar destas multidões de menores, provém justamente da ausência de família própria; e qualquer que seja a Obra dedicada a eles, se ela, a Obra, não tem a voz e maneira de Mãe, eles, parecendo que têm tudo, continuam a precisar. Por isso a futura lei nova, seria mais ou menos enunciada: "Os menores privados do amparo de suas famílias, podem organizar-se em agrupamentos, sob a direcção de pessoa edónea a quem se comete o poder paternal."

Não se descreve! Só aparentemente se tratava de um espectáculo teatral, como disse, na ocasião, O Primeiro de Janeiro. Na verdade assim é. Assim tem sido. Assim será tantas quantas vezes ali nos venhamos a apresentar. Aquilo foi uma demonstração e um argumento. Dos pequenos não; os seus discursos foram notados. Mas os maiores; os chefes dos Lares e Júlio Mendes, falaram do que sentiam. Palavra e ideia eram cem por cento deles.

Estavam ali a passar de três mil pessoas; esgotada a bilheteira, muitos e muitos e muitos não conseguiram entrar. Pois bem, todos são testemunhos e podem dar testemunho de quanto não vale a família. O bafo caseiro. As normas. As virtudes. A educação familiar. Aquilo foi demonstração e argumento.

Reproduzimos hoje alguns discursos. O Carlos Inácio disse:

Nós somos os gaiatos que habitamos o Lar de S. João da Madeira. Eu, como irmão mais velho, sou o chefe da comunidade. Foi em Novembro de 1950, quando deixei Coimbra para ir continuar os estudos naquela vila que o nosso Pai Américo me incumbiu deste espinhoso cargo. Desde então escolhi um dos rapazes para me auxiliar e comecei sozinho a governar o barco. O Pai Américo deu-me forças e prometeu visitar-nos todas as semanas.

Foi desde aquela hora que eu medi a responsabilidade dum chefe. Não é um chefe com divisas e armado de cacete e pistola. Nada disso. É um irmão cheio de defeitos e que, ao mesmo tempo que tenta corrigir-se a si mesmo, procura levar os outros ao bom caminho. Parece impossível mas é facto! Nós somos a verdade. As nossas portas estão abertas aos que queiram ir ver se assim é.

Eis aqui toda a casta de officios: estudantes, serralheiros, merceeiros, sapateiros, guarda-soleiros, etc. Não queremos ser todos doutores nem tão pouco serralheiros. Queremos desenvolver o comércio e a indústria. Não é por causa dos gaiatos que a Indústria do nosso país se não desenvolve. Façam todos como nós e Portugal progredirá muito mais. Todavia, eramos o lixo da Rua. Ninguém nos ligava. Hoje pagam-nos cafés, dão-nos fatos, proporcionam-nos boas colocações, e até nos oferecem relógios e bicicletas. Mas quem este bem nos faz está sempre a ganhar. Ganhamos dois campos: primeiro por que procedendo assim vai alcançando o Céu aos poucos; segundo porque se andássemos cá por fora já teríamos ido à sua quinta e até à sua casa roubar...

Admiram-se? Já as fizemos boas antes de entrarmos para a Casa. Eu podia dizer aqui das minhas aventuras mas já começo a tirar o tempo aos outros oradores. Ajudem nos todos para podermos ir buscar mais lixo às valetas. A nossa Obra faz ressuscitar os mortos.

Em cada casa há uma Conferência de S. Vicente de Paulo, o que quer dizer que visitamos semanalmente setenta famílias pobres. Não vamos só vê-las porque se assim fosse vínhamos corridos. Levamos-lhes pão para o corpo e conforto para a alma; participamos das suas tristezas e vivemos as suas alegrias. Falamos-lhes em Deus depois de lhes darmos de comer. Se assim não fo-

Nós cá já somos assim. Já existem seis agrupamentos, em quatro distritos. O mais difícil já está. Havemos de pugnar até ao fim.

Em lugar de ir ao estrangeiro, estudar como as coisas por lá são, que venha um estudioso até nós e verá que descobertas não faz!

A festa do Coliseu foi a luz. Os senhores leitores voltem ao princípio. Leiam dos rapazes; leiam da formidável aceitação do público. Juntem os factos e vejam se sim ou não vale a pena lutar. Quem sabe se entre os leitores desta Doutrina, não esteja até, o que vai fazer a Lei, — quem o pode dizer?

ra elas não acreditavam na Eternidade. A miséria origina a revolta. A maior parte dos nossos pobres são tuberculosos. Em S. João da Madeira, três quintos das famílias que socorremos estão nesse lamentável estado. A nossa Conferência está em déficit. A mercearia espera mas o pobre não pode esperar.

Estamos agora a construir casas. Já inauguramos algumas e muitas mais se hão-de inaugurar. Oxalá pudéssemos dar a cada pobre uma habitação decente. O problema está nas mãos dos que podem.

Nós queremos um Portugal melhor. Vou dar a outro a ocasião de dizer o que sente, pois somos muitos e os senhores devem gostar de nos ouvir a todos.

Zé Eduardo teria dito, mas Avelino leu, no seu impedimento; ele estava sofrendo um castigo:

Há ainda muitas pessoas que não sabem qual a função que desempenha a nossa Obra no campo social português. Com os meus limitados recursos, tentarei dar uma breve ideia do papel desempenhado pela nossa Obra, afim de que seja mais estimada e melhor compreendida.

No desejo de arrancar à rua o seu mais perigoso elemento — o rapaz abandonado — fundou o Pai Américo as Casas do Gaiato. Embora este facto seja já do conhecimento de todos, ajudai-me já na minha breve exposição.

Conquanto houvesse já e estabelecimentos mais ou menos congêneres, a nossa Obra era muito diferente, tanto na organica como no fim a que se propunha.

Enquanto aqueles se empregavam — e empregam — em guardar o rapaz dentro de paredes, a nossa Obra tenta integrar na sociedade o mesmo rapaz.

Sim; a nossa Obra não segregava o rapaz, mas tenta, por todos os meios lícitos ao seu alcance, integrá-lo na sociedade que o havia repudiado. Porque a nossa Obra apenas aceita no seu seio os repudiados — o lixo!

Por vezes ouve-se tratar os nossos rapazes por «internados». — «Há quanto tempo estás aqui internado?» ou ainda — «Quantos internados há nesta casa?» E então ouvem-se respostas como estas, que são um grito de protesto contra tal tratamento, muito embora e te tenha sido involuntário ou mesmo por ignorância: — «Nós não somos internados; isto aqui não é nenhum asilo!» É mesmo possível que algumas pessoas que nos escutam tenham já ouvido estas respostas ou outras semelhantes. Porque o rapaz compreende por si mesmo que isto tem forçosamente de ser diferente dos asilos, pois não usam fardas que os distinguem dos outros rapazes; saem livremente sem que tenham sobre si o olhar atento dum severo vigilante e sem que sejam obrigados a caminhar em fila. As portas da nossa Obra encontram-se abertas de dia e noite. E depois — ah! sim — e depois trabalham! Embora alguns sejam ainda muito novos, compreendem já que sem o trabalho a sua integração não poderá ser completa. E todos desejam ser totalmente integrados na sociedade de que estavam separados. Assim os vai a

Obra preparando, lhes vai abrindo novos horizontes, muito diferentes dos que lobrigavam quando eram perseguidos pela policia por mendicidade ou por qualquer furto a que os obrigava a sua natural tendência para as coisas da rua.

Como complemento do desejo de completa reintegração social e moral, temos ainda os lares, cuja fundação não me compete descrever, mas sim aos chefes dos mesmos lares, que dentro em pouco aqui virão falar sobre o seu espinhoso cargo.

É digo espinhoso porque a sua responsabilidade é enorme, talvez maior — permitam que o diga — do que o lar a que pertencem muitas das pessoas que assistem a este nosso espectáculo. É que o rapaz vindo da rua tem de sustentar, por vezes, uma verdadeira luta de gigante contra os seus instintos e contra os maus hábitos que aprendem nessa escola que é a rua. E essa luta é tão grande que muitos chegam a tombarem antes que atinjam o seu fim. Sim; intencionalmente muitos têm succumbido, não obstante o seu grande desejo de reabilitação. Outros tombam para logo se levantarem e recomeçarem a luta com mais ardor e valentia. Temos na nossa Obra muitos destes exemplos. E podemos afirmar que a vitória será tanto mais retumbante quantas mais forem as vezes que o rapaz tombe e se torne a levantar. Isto só mostrará o seu valor, a sua persistência e vontade de se reintegrar na sociedade a que tem lugar por direito próprio.

Sim; a nossa Obra não pretende segregar, mas fornecer ao rapaz os meios para se reabilitar perante a sociedade que o repudiou.

E podemos acreditar que com a ajuda do Altíssimo o fim proposto será atingido, muito embora sejam muitos os que succumbirão.

Assim a nossa Obra terá arrancado à rua centenas de pequenos delinquentes, para maior glória de Deus e engrandecimento do nosso querido Portugal.

Júlio Mendes disse:

Já lá vão uns quatro anos que aqui não tornamos, a esta grande sala do Coliseu.

Bem sabemos que a sempre nobre, leal e invicta cidade do Porto, a capital do trabalho por excelência, gosta de nos ver de quando em vez neste lugar, mais pertinho do seu coração. Oh coração do Porto! Como tu te não esgotas! Como tu te apaixonas por um ideal em que transpareça Justiça.

O velho burgo não nos viu nascer, sim, mas crescer. Amou-nos de pequeninos e hoje não há poita que se não abra. Não há bolsa que se não esvazie. Não há alma que se não regozije quando se pronuncia apenas este nome — GAIATO. Quanta razão teve o Pai Américo — ai Porto, Porto, quanto tarde te conheci!

Donde vem, em parte, o segredo da paixão pela Obra da Rua? É que a Casa do Gaiato é por obra de Deus uma coisa nova. Uma obra de rapazes — para rapazes — pelos rapazes.

Eu sei que a maioria de vós, senhoras e senhores, já nos conhece como tal.

Continua na primeira coluna da última página

EM VÉSPERAS DE EMBARCAR

Ontem cheguei do Gerez, aonde estive os dias da tabela. No decorrer da temporada não faltavam aqueles e aquelas a quem eu chamava *seretas*. Eram de todos os pontos das duas províncias de Angola e de Moçambique. Todos no mesmo tom. Todos afirmavam. Alguns, na casa dos 20, nados e criados no Ultramar, eram de voz mais possante; todos nós vos esperamos! Dizer o nome das terras é impossível, de tantas nomeadas. Por feliz circunstância calhou, naqueles dias do Gerez, haver africanos de toda a nossa África.

Eu retirava-me dos grupos e dizia comigo mesmo: *seretas*. Já tinha dito o mesmo de outros africanos que aqui em Paço de Sousa, têm aparecido a cantar. Pois não senhor. Enganei-me. Ao ouvir falar os simpáticos sedutores, cuidava eu que de mim falavam. Colocava-me à frente. Tomava para mim as futuras palmas e os vivas. Ora vejam os senhores! Meditem! A vaidade é tão nossa, que por mais que façamos ninguém se vê livre dela. Foi preciso que *A Huila* e o *Diário*

de Moçambique me viessem acordar.

Assim é que, ao chegar a casa e enquanto abro cartas, dou com números e recortes daqueles dois jornais, aonde se fala do *Património dos Pobres*. Andam por lá subscrições para casas, que o mesmo é dizer duzias de contos; algumas delas já inteiramente cobertas! São companhias. São organizações. São indivíduos. São todos. É tudo!

Da «Obra da Rua» não se fala. Dos rapazes dela, não se diz. É o *Património*. São os pobres. Que grande não é a força dos enfraquecidos! Quão grande o coração do homem! Quão solidários! Nós ignoramos de que espírito somos, como ensina o Evangelho.

Também recebi uma carta de Luanda, do primeiro *gaiato* que para ali foi em Março último, o Carlos Alberto, mecânico; e não me tenho que a não publique:

«Pedindo a Deus por si e por todos escrevo-lhe hoje e já um pouco tarde. Recebi carta comunicando vinda do Amadeu. Como pedia, assim eu fiz. Recebi-o de braços abertos. Assim eu possa receber outros. Queira Deus que sim.

Mostrei-lhe tudo. Tomamos banho na praia, visitamos a fortaleza, enfim tudo o que Luanda tem de belo e de bom. Ao fim da tarde ele seguiu confiante e risonho. Irmãos na Obra, irmãos seremos pela vida fora. Pois venha Pai Américo. Que venha também o feliz *gaiato* consigo. Serão bem recebidos, e mais do que braços abertos.

Pai Américo peço-lhe os «Gaiatos» desde Março. Será pedido que será satisfeito. Não tenho dúvidas.

Pois eu tenho muito que lhe contar. As belezas desta nossa terra os seus encantos os seus mistérios as suas paisagens e sobretudo o seu tam portuguêsíssimo tam puro e tam belo como o da Metrópole.

Aqui nem todos vêm para servir a Pátria. Muitos vêm com outros sentimentos e outras miras.

Pois estou ansioso por ouvi-lo.

Há de contar e dizer como estão todos os meus irmãos desde os mais novos aos mais velhos, como vão os campos, os nossos pobres, as casas para eles, como vai o nosso team (sempre forte) enfim tudo o que eu deixei, por vos ter merecido a confiança de me teres colocado num posto não isento de responsabilidades.

Hei-de-vos contar as minhas alegrias e porque não as tristezas? Essas felizmente não as tenho. Sacrificios já os tenho feito. Enfim muito vos tenho para contar.

Pois o meu caminho está traçado. Hei-de segui-lo a passo firme embora para isso tenha que suar e que trabalhar.

Pois só assim eu sei que ficais satisfeito.

A vossa chegada lá estarei. Não posso faltar. Quero ser o primeiro a beijar as vossas mãos.

Já se fala cá na vossa vinda. Não sei qual dos dois virá. Carlos ou o Prata.

Qualquer dos dois marcará presença.

Assim espera a Obra. Assim exige a Pátria.

Que venham todos que tenham merecido a vossa confiança, que não vacilem nos perigos que os esperam, que sejam fortes; (so-

Tribuna de Coimbra

Vamos começar as *Colónias de férias do garoto da Baixa*. O primeiro turno, composto de trinta, partirá da Estação Nova no próximo dia 25 na automotora das cinco e vinte da tarde. É um espectáculo único. Nessa altura tem que parar o movimento junto da estação. É uma algazarra que só vista. Os que têm mãos despedem-se. Alguns vêm muito estarrapados; ou porque não têm mais nada, ou com mira nalguma coisita que lhes costumamos dar. Quem tiver roupinhas dos filhos dos cinco aos quinze anos de que não necessite e no-las queira mandar, fica já a saber o destino. Primeiro fruto das *Colónias* sem subsídios e sem verbas. Isso é uma coisa meramente material. Ora nós temos que ser homens espirituais. Já que não podemos abrigar de baixo das nossas telhas todo o lixo das ruas, ao menos queremos que tenham por ano quinze dias felizes. O garoto que anda dependurado no eléctrico, fugido da polícia, esfomeado à procura de côdeas e cascas nos caixotes do lixo, a assaltar estabelecimentos e casas, a fazer patuscadas às tantas da noite no Pátio da Inquisição ou no Jardim da Manga, a dormir a um canto ou atrás duma porta, vai temperar a sua vida. Irá ter uma alimentação cuidada e abundante; uma cama limpa e com roupa suficiente; respirará o ar cheio e puro da serra da Lousã; beberá da água pura e cristalina da fonte da Senhora da Piedade; cantará as suas cantigas, mas agora à vontade e sem malícia; aprenderá os rudimentos da Doutrina; ouvirá falar de Deus; sentirá a necessidade de ser bom e educado.

Sentimo-nos tão bem quando pelas ruas eles, já moços agora, nos vêm dizer que estiveram nas *Colónias* e que estavam lá bem! É que fizeram lá a Primeira Comunhão! É que ainda se recordam do bem que lá aprenderam! E quando pelo ano adiante passamos pelas ruas e aparecem em tropel os miudos a apertar-nos a mão e a perguntar quando vão outra vez e a dizer que agora já se têm portado bem! Vamos começar já na próxima semana. Há-de acudir nos o senhor do bacalhau das *Colónias*; há-de visitar-nos amiudadas vezes a mãe de Tábuas; há-de chamar-nos e carregar-nos quase todos os dias o Sr. Dr. de lá perto; e muitos dos que nos lerem hão-de acudir a este apelo e hão-de connosco contribuir para a felicidade destes homens de amanhã.

O que nos vão dando:

No fim dum almoço alguém se lembrou de mandar uma menina para isso preparada que recebeu para nós 960\$00; 388 de assinaturas de

bretudo de espírito) enfim que sejam homens, que venham para servir, amar e engrandecer o nome de Portugal.

Termino Pai Américo. Recados para todos. Peço as minhas desculpas ao Sr. Padre Adriano de lhe não ter escrito ainda.

Ditosa Obra que dá tais filhos ao Mundo. Dito: a Pátria, se nos reconheces.

Ditosa *colónia*, portuguesaíssima, se és Mãe destes meus filhos.

Sim. Também eu quero ser o primeiro a beijar o seu rosto; e se o povo de Luanda quizer verdadeiramente ser amigo e fazer-me a vontade, que me deixem na sua humilde vivenda para eu me consolar de viver como ele, junto dele.

Lisboa; visitantes com bolos e roupas para o Património; uma senhora que veio entregar 50 dum voto. Vinte de visitantes e o mesmo no Castelo da Sofia; e cem dum Sr. Doutor visitante; e 120 de assinaturas e livros no Porfírio Delgad.; e remédios e 5 de uma pecadora; no mesmo sítio; 20 a pedir uma Missa por alma do Pai no dia 1 de Maio. Foi celebrada. Cem duma assinatura do Congo Belga; igual quantia da Maria Helena; umas calças do marido da senhora de muitas vezes; cinquenta dos Restauradores. De um Sr. Engenheiro que chamamos para uma dificuldade de obras e que à despedida, em vez de receber, deu-nos cem pelos nove meses de sua filhinha. Benções de Deus. Cinquenta da Rua das Flores; em Fátima 150; pães e merendas do Dia do Lusito em Coimbra. Que bom que era! Vinte para um *pequenino prego*, duma leitora do jornal; cinquenta para o Lar. Estudantes em visita de estudo deixaram 50 e rebuçados; sapatos dum sacerdote que quer ajudar mais; 15 da figueirense e agora mais 10; 30 no Castelo da Sofia; e de Lisboa uma toalha "para um batata ao sair do banho." Cem duma pessoa; o mesmo doutra, do *Mondego de Coimbra*; um berço, roupas do enxoval da filha e 100 para o Periquito e duas colchas e 50 para o Património; vinte na minha mão a pedir-me a benção. Era uma mulher humilde. Relógios, lenços e escovas de dentes duma *tripeirinha*; cinquenta num envelope; uma escola visitante com 28; um embrulho de remédios; uma saca de feijão na praça. 170\$00 parte restante duma festa de despedida. Estes senhores podiam esbanjar, mas não; dividiram pelas três Casas de Pobres de Coimbra. Dez deixados no Lar e o dobro no mesmo lugar. Senhoras Professoras de visita com cem e merenda e cerejas; uma data de proclina do Instituto LUSO-FARMACO. Bem hajam.

Visitantes com cinquenta; o Sr. Doutor muito aqui citado vai agora com mais vinte alqueires de milho. Cem e roupa em cumprimento duma promessa. Com certeza é por as Casas do Gaiato serem Santuários de Almas que tanta gente cá vem pagar as suas promessas! Vinte e feijão e roupas e sapatos; claras de ovo e roupas; sapatos; visitantes com cinquenta; outra vez da P. da Serra 80 para os da *enxovia* e a pedir uma Missa. Um fato no peditório de Celas muitos bolos e muito bons duma festa no Liceu Feminino; roupa, calçado e 20 da mãe de dois estudantes que também é pobre. Cinquenta na mão, na rua. É assim muitas vezes. Um vale de 50 de Lidélia; visitantes com cinquenta; 40 e um casaco da república Ai ô-linda. Estes estudantes querem ser da nossa família. Uma factura de solas e cabedais paga. Uma carta no Castelo dos Arcos com cem dirigida ao Maioral e a perguntar se foram recebidas em Paço de Sousa várias encomendas. Tudo foi recebido. Ora oiçam para terminar e fiquem de mãos erguidas que eu fiz o mesmo; fiz a viagem para Coimbra com oito tostões na carteira. Chegado ali apareceram as contas do costume, e dei a carteira para me ver livre de apertos; antes de me deitar fui abrir um embrulho e dei com três pares de sapatos novos e 600\$00 de Tentugal. Para que havemos de andar muito preocupados se o Pai do Céu alimenta até as avesinhas do Céu!

VISITANTES

No domingo passado foi uma excursão dos Carvalhos; gente laboriosa e simples, a maior parte do campo, mas também vinham das fábricas. Muitas crianças. Muitas mães com filhos ao colo e ao pescoço grossos cordões de ouro. Dois sacerdotes. De um peditório que ali fizeram, resultou a soma de 2.500\$ a passar.

Depois desta, é uma de Vincentinos de Cedofeita. Também eles quizeram dar da sua pobreza; na saqueta do peditório dos confrades, vinha a passar de 500\$00.

Depois era uma deputação de 5 operários de uma fábrica de sedas, do Porto, que entrega uma quantia em nome de todos os operários da mesma, e nós, aqui, a todos agradecemos. É mais e mais e mais. Desde o nascer até ao pôr do sol, não há uma hora sem romeiros, que vêm satisfazer e satisfazer-se. São os inoculados. Por palavras e por obras, mais por estas do que por aquelas, nós temos inoculado no espírito contemporâneo o vírus do amor do próximo. E isto é justamente a revolução escondida e potente. Ela tinha de dar-se e há-de ser cada vez mais alarmante. Compreende-se. De um lado está o coração do homem; do outro, o seu objecto, que são os mais pequeninos dos nossos, entretidos, aos grupos, pela imensidade da quinta. Estas duas forças combinadas, chamam pelo povo. É mais um santuário que hoje se levanta em Portugal, com sua modalidade diferente: aqui, o que os romeiros deixam, é tudo e só para dar de comer a quem tem fome e casa aos desabrigados e tunicas aos que a não têm e o mais que João Baptista ensinou.

Pela semana fora, também chegam grupos isolados, e estes são os mais felizes porque nos ficam a conhecer melhor. É o trabalho. É cada rapaz na sua obrigação.

Da que nós necessitamos

Mais uma bicicleta, que a temos a sete chaves e assim evitamos sarilhos... Mais 10 dólares de uma portuguesa residente na América. Mais 200\$ de um advogado do Porto. Mais 20\$ de um recluso da cadeia de Rezende, que são o produto total de uma camisa que vendi. Foi-lhe ter às mãos, segundo conta, um número de *O Gaiato*. Leu. Comoveu-se. Não deu nada, vende a camisa! Mais de Carcavelos 750\$ «para medicamentos e injeções e assim aliviar os cruciantes sofrimentos dos cancerosos». Assina-se uma grande pecadora. Mais do Ultramar 100\$ para o Barredo. Outro tanto de Braga. Como tivesse sido aqui um apelo para camas vestidas, eis que a primeira resposta vem de um *Tripeiro*: Deixo de fazer um fato de que preciso e que ficará para mais tarde! Esta é a voz do Porto. Sucede que na festa do Coliseu, também nos ofereceram duas camas, e de Lisboa uma; todas na marca dos 750\$.

Por falar na festa do Coliseu, tínhamos resolvido não colocar a capa à saída, para não abusar... Porém, houve alguém que ma tirou dos ombros e a sua presença revelou que muita gente contava; ele cartas previamente escritas, ele libras em ouro, ele joias, ele notícia de assinaturas, ele tudo. Onde se vê que a capa é um número da festa que o Porto não dispensa. Quanto a joias, uma é de subido valor e grande formosura: pérolas, rubis e brilhantes. Mais 60\$ do Porto dos meus filhinhos de 4, 3 e 2 anos. Mais da Covilhã 150\$ tirados do que Deus nos vai dando. Nota-se que não há oferta, sem dedicatória. Não é a coisa; é a pessoa que se quer dar. Isto é maravilhoso! Covilhã recebi. Mais 20\$ de uma vendedeira de pão. Quando não é dedicatória, são desabaços. Ora queiram ler desta mãe que oferece:

«Casou quando a minha filha tinha quatro anos, e agora tem um filho e encargos, de modo que esta não importa que tenha fome; o outro é que se quer educado e bem tratado, são assim os homens, inutilizam uma mulher e depois lançam-na à margem e depois Santo Deus ao que ela fica exposta, a tudo quanto os homens querem, pois que são poucos aqueles que respeitam uma mulher abandonada».

É sempre à custa do sacrifício permanente da mulher que o mundo se desvaloriza. Nós já aqui dissemos que sim e hoje tornamos a dizer: a vaca da Conferência veio de Anadia e encontra-se bem. Mais de Braga um vale de 200\$.

Não há excursão que se não explique; uma do Pessoal da A. E. G. entregou 700\$. A *Artibus* de Aveiro, quase outro tanto. Ihavo, perto disso, de forma que ficamos ainda na dúvida se o farol é da primeira ou da segunda... Eu cá voto por quem me der mais. Esteve também uma de Famalicão, por causa da Oração de Fátima! Apenas a escutaram, imediatamente alguém daquela vila se levanta e organiza. Só carros ligeiros eram uns 84! Todas as categorias. Classes. Sacerdotes também. Dentro de uma carta entregue aos ciclistas, vinha uma casa; e uma que, na ocasião, rendeu à beira de 4 mil escudos. Mas a Oração de Fátima tem ido mais longe. Já atravessou os mares. Ora queiram ter a bondade de ler. É da Guiné:

«Pela vossa Oração em Fátima, Oração de Amor pelos pobres; senti tal a comoção, dessa família que vi-

ve no curral. Ore, ore sempre; que o mundo não vê nada; e precisa de tanta luz».

Esta carta era registada... Dizem que as ondas dão até Luanda e Lourenço Marques; terá alguém escutado? E escutando, ter-se-á comovido? A força de uma família a viver num curral de animais com animais! O mundo tem necessidade de luz!

Como sempre acontece nesta coluna, também hoje se reserva este bocadinho de espaço por declarar que sim. Sim senhor. Tudo quanto vai ter ao Espelho da Moda, vem ter às nossas mãos. Os segredos, os desabaços, as declarações. As grandes somas e as médias e as pequenas e as muito pequeninas. As coisas. Os géneros. Tudo o Pai Celeste inspira e aceita de forma que é verdadeiramente d'Ele tudo quanto ali deixas ficar como sendo teu!...

Património dos Pobres

Chegou a hora da ressurreição dos mortos. Muitos deles estão-se erguendo das tumbas. Leia-se o *Agora* de hoje! *Ide dizer a João que os mortos ressuscitam*. Eis.

A seguir às três casas de Gandra, já em peitoris, começamos mais três nas *Alminhas* de Galegos, mesmo à beira da estrada. Ofereceram-nos ali terreno à escolha. Aproveitamos, sem abusos. Cada moradia fica com seu quintal.

O Carlos Gonçalves, no seu discurso do Coliseu, afirmou a necessidade de casas e que ia pedir terreno para elas ao senhor Presidente da Câmara do Porto! Uma coisa e outra vai ser. Chegou a hora! Padre Adriano já começou a terceira no Tojal. Em Miranda, um senhor amigo vai começar duas à conta do Padre Horácio. Mas há mais. Ele há muito mais. É uma outra, algures. Eu digo: há muito que me vinham chegando aos ouvidos notícias de um caso espantoso e todos quantos diziam, não sendo os mesmos nem no mesmo lugar, nem ao mesmo tempo, eram, contudo, uniformes.

Mãe e três filhos dentro duma caixa. Só visto! Comecei a estremecer. Não podia dormir. Marquei dia, por entre sombras de dúvida e de confusão e medo de não conseguir terreno naquela vila, no caso de ser verdade.

Precisamente nesta altura e quando desço do meu escritório, dou com uma senhora no andar fundeiro, que está ali para me falar. Conhecia o caso. Confirma. Ela vem oferecer terreno...! Despede-se. Chega o correio. Começo a abrir cartas. Logo à segunda, dou com um cheque de doze contos para uma casa...! Estes três pontos são dados aqui para nossa erudição. São *Casos*, que se levantam contra o chamado *Acaso*.

Fui pessoalmente àquela vila, na companhia do mestre de obras. Ia a fita. Estava a oferecer: *nos dias de gada do inverno que passou, eu não podia dormir, ao lembrar-me desta desgraça*. Isto dizia a feliz Viúva, enquanto o mestre media o terreno. Dá para um quintal. *Da minha casa eu vejo para aqui*, continuava, enquanto mostra a sua residência, um nadinha acima. Mais amor do próximo. Quem assim ama, tem em si a vida eterna. E esta vida procede e é justamente o fruto natural daquele amor; *eu não podia dormir por causa da neve*.

Marcado o terreno; fomos ver; eu

PELAS CASAS DO GAIATO

COIMBRA Antes de começar a minha crónica, quero pedir a todos os nossos leitores desculpa de não terem tido notícias do nosso Lar, mas, como eu ando a estudar não pude cuidar-me dos estudos e por isso aqui fica justificada a minha falta. Agora, que os estudos acabaram, prometo que tereis notícias deste Lar de Coimbra que ainda tem alguma coisa que se diga.

A nossa Conferência—Mais uma vez aqui venho para falar nos subscritores. Venho pedir a todos os conimbricenses que desejam ser subscritores da nossa Conferência nos escrevam um simples postal que depois um dos nossos confrades irá a vossas casas.

Há já bastante tempo que estava para fazer este pedido, mas só agora é que pude e aqui deixo ficar o alvitre e que cada um se inscreva com o que puder. Estamos com um débito e portanto espero que não deixeis de nos ajudar pois o pobre bem o merece. Quem auxilia o pobre pratica uma grande obra de caridade, ajuda o seu semelhante, o seu irmão que vive em péssimas condições e pode ter a certeza que ajudando o pobre, Aquele que nos dá o alimento e conforto o recompensará mais tarde.

Não vos esqueçais da nossa Conferência e enviad-nos os vossos donativos que desde já afirmo serão bem entregues. Aquele que der de boa vontade e de todo o seu coração no conceito de Deus sobe mais um grau. Aquele que ajudar o pobre com uma pequenina cota mensal não ficará mais pobre mas pelo contrário verá a felicidade entrar pelas portas dentro, pois quem dá ao pobre dá a Deus. O pobre na terra incarna a pessoa de Cristo. A felicidade não se encontra no dinheiro mas sim em termos a certeza e consciência do cumprimento dos nossos deveres para com Deus. Ora, ajudar o pobre é um dever de todo aquele que se preza de ser cristão e aquele que não ajudar o seu semelhante não é recebido no seio de Deus como verdadeiro Cristão. O dinheiro às vezes, e quase sempre, só traz a ruína, a desventura a desgraça daqueles que o não sabem empregar. O dinheiro só contribue para a infelicidade de daqueles que o possuem.

Também, antes de terminar, quero pedir a todos que tenham qualquer espécie de roupa velha ou usada nos enviem, visto nós não temos que dar aos nossos pobres que bem precisam embora estejamos no verão, estação de sol quentíssimo.

Não vos esqueçais de nós caros leitores e conimbricenses amigos, escutai um lamento dum Gaiato reconhecido que agradece a todos em nome do Pai Américo para que o pobre seja menos pobre, pois bem sabeis que ele é pobre e dá ao pobre. A todos um muito obrigado.

—Como sabeis, temos em volta da nossa casa uns pedaços de terra que amanhámos com esmero. É destes pedaços de terra que nos vem o alimento. Ainda há pouco tempo se arrancaram as batatas e qual não foi o nosso espanto ao ver terra tão produtiva. As batatas eram mais do que aquelas que se esperavam. Já andamos a comer delas há mais de um mês, e diariamente se come batatas. Nestes pedaços de terra temos em todo o ano couves, mas esta época temos bastantes legumes tais como: couves, feijão verde, tomates, alface e outros mais. Temos também frutas mas... se houver aí alguém que nos queira enviar alguma de favor. Como vedes, quanto não vale ter uns pedaços de terra que sem levarem adubos produzem abundantemente. E quando chegamos dos nossos empregos a primeira coisa a fazer é regar aqueles pedaços de terra.

—Mais 40\$ para a casa, recebidos na República Ay-O-Linda. 20\$ foram me entregues quando estávamos na mesa à hora do almoço, na referida República. Um dos estudantes levantando-se da mesa agarra 20\$ e entrega-mos dizendo: «Ofereço isto à Casa do Gaiato». Os seus colegas largaram os talheres e romperam em aplausos prolongados. Os outros 20\$ foram-me entregues quando já me preparava para vir embora. Também recebi um casaco. A estes estudantes que estão na época dos exames eu desejo-lhes muitas felicidades, e que fiquem todos bem.

A todos muito obrigado pela hospedagem e pelos donativos que recebi naquela simpática República Ay-O-Linda. Obrigado.

JOSÉ MARIA FERNANDES

MIRANDA DO CORVO Há dias fomos pela segunda vez dar um passeio à Senhora da Piedade da Lousã, que decorreu um pouco pior do que no ano passado devido à chuva que por vezes aborrecia mas ainda assim o passeio não nos ficou desgostoso e ficamos ainda a chorar por mais. Daqui partimos pela manhã com o nosso carro do farnel e o carro com batatas e os coxos. Quando se lá chegou embora cansados fomos à lenha e no fim das batatas cozidas e de termos almoçado fomos passear pela serra onde visitamos a barragem e ficamos admirados e satisfeitos por termos visto coisas interessantes e admiráveis. Depois voltamos aonde tinham ficado as nossas coisas e alguns rapazes e como estava frio e o tempo a puxar chuva não tomamos banho, merendamos e regres-

tinha necessidade de me inteirar das coisas que me haviam dito. Vi. Apalpei. Senti. Simplesmente espantoso!

A casa está a subir. Dentro de um mês temos este caso cristamente remediado.

samos para casa de novo com os carros e até o Carequita e o Zé Bolas que de véspera tinham arranjado uma mota de madeira. Para lá foi um e para cá veio o outro. Quando cá chegamos vínhamos todos estafadinhos. Agora desejamos que este ano lá voltemos outra vez, mas que não esteja a chover.

—Acaba agora de ter uma bezerrinha a nossa vaca que se comprou há pouco tempo, assim que a vitelinha nasceu, passaram cinco minutos já toda a gente sabia. Era uma alegria pela casa fora; é uma vaquinha muito bonita e se ela se criar não há de faltar leite em nossa casa. Deus queira que ela se crie. Também já nasceram coelhinhos; foram 12, mas o mais triste é que já morreram sete e só temos cinco, vamos a ver se eles escapam.

Agora é um pedido que já pedi por duas vezes e torno a lembrar se não levarem a mal. Se este pedido fosse atendido faziam-me um grande favor por que a malta não me larga e andam-me sempre a dizer: pede, pede e eu respondo: já pedi duas vezes; e eles dizem: mas lembra e se for preciso torna a lembrar. Se quiserem fazer-me o favor para que eu me veja livre desta malta, enviad-nos uma bola. Quando ela cá chegar, aquilo é que vai ser ver pular os nossos rapazes. Desde já ficamos muito gratos.

MANUEL TRINDADE

PAÇO DE SOUSA Estamos no tempo das ameixas. É uma beleza ver as ameixieiras da nossa quinta com os ramos vergados com o peso delas.

O Caçoila, o qual guarda a fruta, está sempre de olho alerta, mas ninguém lá vai. O dito guarda, tem ordem de ver se estão maduras, para comermos delas à merenda.

Aqui há dias andava o nosso companheiro Sérgio à caça de coelhos, e em vez destes, caçou rapazes debaixo das ameixieiras.

Estava marcado um desafio de futebol entre o nosso grupo os gaiatos—Sporting Club da Travagem, de Ermeizinde, os quais já cá vieram jogar com as reservas e perderam 3-2. Agora para desforra pediram para cá virem. Foi-lhes dito que sim, e marcou-se o dia. Chegou o dia, os gaiatos equiparam-se numa tarde de chuva, e esperam pelos ditos visitantes. Até que, por fim não apareceram e não mandaram dizer nada. Ora nós gostávamos de saber alguma coisa sobre o assunto... Tiveram medo talvez... Ora agora em nome de todos os desportistas da Casa do Gaiato, e todos os bons desportistas, pedimos a fineza aos senhores adversários, que quando aparecer um caso assim, nos participem pois agradecemos muito.

Num dos últimos números do famoso, pedi aos queridos leitores umas agulhas de grafonola, das quais já recebemos algumas. Venho agora agradecer, pois não se esqueceram do meu pedido. Mais uma vez muito obrigado a todos os leitores, em especial aqueles que enviaram: muito obrigado.

JÚLIO GOMES

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Na nossa festa no Coliseu da cidade do Porto, houve de entre muitas, uma coisa que calou fundo no coração de quantos assistiram—os nossos Pobres. Nós fomos ao palco afirmar de como e de que maneira vivem os nossos Pobres. Mais; afirmar também, que, se os não amássemos não seríamos o que somos. Nós temos de amar os Pobres. É bem para nós e melhor para o mundo.

Então, agora, vamos a ver o que nos presentearam: Da Ilha Terceira o assinante 9978, envia 100\$00 afirmando que é pouco mas de boa vontade. Isto é que nós queremos—pouco mas de boa vontade; o contrário não senhor.

Mais 20\$00 de A. A., de algures. Da Manchester portuguesa 30\$00; é de *Uma mãe que vive muito triste*. Agora dum nota de 50\$00 calhou-nos vinte para o pobre mais pobre da conferência e que é oferta de *Uma grande pecadora*. Estas confissões que brotam do fundo da alma são muito de considerar; «O Gaiato» é o espelho. De Maceira-Liz vinte escudos. O conhecido *Bébé n.º 3* envia 10\$ referente à cota de Junho. Venham mais bebés! De uma funcionária dos correios da Covilhã 10\$. E é tudo o que nos veio ter às mãos.

JULIO MENDES

A nossa festa no Coliseu

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

Mas, como em toda a parte, há os que desconhecem. Pois é a esses que eu me proponho explicar por palavras minhas, o significado profundo, da nossa divisa e como na nossa Obra se olha mais para o rapaz que para o estulto que tolhe e seca, o que existe de bem na alma juvenil, por exemplo, o espírito de realização.

Primeiro ponto: a obra é de rapazes. Dos rapazes. E por ser de todos formamos uma família. Família grande e heterogênea. Onde há pai e mãe por adopção e se não estranha, graças a Deus, o ambiente, porque nos encontramos em nossa casa, trabalhando no que podemos chamar nosso.

Somos uma família, como dizia. É o símbolo da união. Pois toda a obra que se funde nela bate certo. Eis porque caminhamos a passos largos e conscientes do terreno que pisamos.

Não queremos estranhos como criados. Não queremos empregados nem perceptores. É obra dos rapazes. O garoto precisa, sim, de trabalhar, de criar em si, o amor pelo que é seu, trabalhando. Só se pode encher desse amor como se adopta nas Casas do Gaiato. E é dentro desta doutrina, que nós rapazes, dirigimos e trabalhamos nos serviços diversos da Aldeia. Desde os agrícolas aos domésticos em que o pequenino de manhãzinha, depois do levantar e de comer as papas faz a sua cama, ao que gasta as suas horas nas oficinas, até ao que cozinha e se apresenta a horas certas com o caldinho que alimenta, em Paço de Sousa, perto de dulentos bicos!

Segundo ponto: para rapazes. É verdade. Para os mais miseráveis. Para os que se encontram a cada passo no passeio das ruas, deste e doutros burgos, a remover os desperdícios, que é dizer, o lixo dos caixotes. Para os das montureiras. Para os filhos de todos e de ninguém; isto é para os filhos do pecado. Para os das vielas e dos barredos. Para os abandonados. Para os sem eira nem beira. E este «Lixo», que a Obra da Rua aproveita e modela, dentro de suas casas, para amanhã restituir ao mundo, o que era antes, um filho perdido. Por culpa, quantas vezes de quem? Do mundo.

Terceiro ponto: pelos rapazes. E eis-me chegado ao capítulo que encerra, digamos assim, os dois precedentes—pelos rapazes.

Não se está habituado a esta doutrina! Por isso há inconformistas. Meus senhores, se fosse utopia a doutrina das Casas do Gaiato, nós eramos a mentira. Porém, somos a verdade. A porta aberta, por isso mesmo, e telhados de vidro. Quem quiser pode cheirar a qualquer hora do dia — somos a porta aberta!

Repito — pelo rapaz. Está provado que é o princípio que bate certo. Não há o perfeito que massacra. Sim, a palavra do irmão velho, mais avisado, que corrige fraternalmente. Fomos a Obra em Portugal que levantou esta voz—pelo rapaz.

Quem conhece mais as fraquezas, quem sente quantas vezes as mesmas fraquezas dos nossos irmãos, como os de entre nós que têm responsabilidades? É reconhecendo elas que nos vamos, também, tornando tanto quanto possivel mais fortes. Caindo aqui, sim, mas levantando-nos acolá. Oh Obra da Rua, como eu te amo! Como tu és de facto providencial!

É ainda dentro dos nossos princípios que o Lar do Porto com uma população de dezenas de rapazes, empregados no comércio e na indústria cidadã, está entregue totalmente a um rapaz de vinte anos. O Lar de S. João da Madeira a um de dezanove. A nossa tipografia a um de vinte e dois. A administração do nosso Gaiato, com tamanha tiragem e expansão, a um de vinte! Parece impossível a nossa doutrina, mas não é.

Fixemos o Lar do Porto, para exemplo. Pois bem. Aqui na cidade correm pela porta da rua todos os perigos e é como já disse um rapaz nosso camarada, que também conheceu a rua e os seus vícios, que toma conta. Perguntarão alguns — ele dará boa conta de si? Estará tudo a correr devidamente? Sim, todo o mundo pode verificar. O nosso Lar é perto, na Rua D. João IV, 682. As portas estão abertas aos nossos amigos e a todos. E todos, também, poderão verificar a ordem que em tudo reina, desde o levantar, ao jantar, ao comer, até a entrada nos seus trabalhos e nas mais variadas situações da cidade. Tudo pelo rapaz. Isto é a Obra da Rua! Os factos acentuam a verdade. Tudo o que se funde na família, realmente eficazmente, tem sólidos alicerces. Por isso, o nosso edifício apesar de tremores de terra, próprios da mesma terra, é sempre o mesmo, tal qual se cria, vez maior, mais ampliado.

De facto não há nada que mais prove a verdade que os factos. E eu já apontei o exemplo do Lar do Porto. Agora indico outra faceta, o «Bela-lão cheira» do nosso Pombinha. O Pombinha que toda a gente conhece e que há de vir a dar a conhecer. Um dia destes estava a servir a nossa mesa. Ele é o rei dos serventes de mesa. Sempre risinho, sempre bem disposto. Por que não? Está em sua casa, no que é seu. Pois neste Pombinha serventes o caldo, foi à cozinha trouxe o conduto, servimo-nos e enquanto



Como às vezes faço, desta vez também comecei pelo topodas escadas, tendo passado pelo largo da Sé. Ali demorei-me um bocaiinho. Levava comigo o Tino. Debrucei-me por uns momentos no muro que diz para a Banharia, e quando não, aparece um garoto. Enco-ta-se ao muro junto de mim e cuidando que eu não sabia, começa a dizer. E' o cicerone daquela hora. Aquela torre é os Clérigos. Eu não fiz caso, entretido como estava com a frente e as trazeiras e os telhados de tudo quanto dali se enxergava. O cicerone continua: ali é os Clérigos. Eu acordei e disse-lhe que não. Que ele estava enganado. Ali era a Lapa. O garoto afirma e ateara e quando se prepara para ir buscar uma testemunha, passa uma mulher com um cesto de laranjas e eu pergunto-lhe se quer uma. Deixou a testemunha. Deixou a porta. A mulher tinha pousado e estava ali um cesto de laranjas...

Pergunto o preço. São duas por quinze tostões. O pequeno escolhe e enquanto o faz, eis que se aproxima uma pobre criatura de anos e andrajões. Era uma mulher. Muito triste. Muito sumida. Toda ela era uma súplica. Perguntei-lhe o que pretendia. Põe os olhos no chão e não responde. Tornei a perguntar: que posso eu fazer-lhe? Estas palavras pareciam tê-la erguido. Ela granha confiança e suplica: *ad-me uma laranjinha*. Dum lado o garoto. Do outro a andrajosa cheia de anos. Os extremos tocam-se.

Eu fiquei humilhado diante de tanta grandeza! *Dê-me uma laranjinha*. Depois que a vi e por tudo quanto notei, era eu; eu é que devia pedir-lhe para aceitar. E é ela que me pede! Estava ali o cesto. Estava a vender ira. Eu disse: *tire umas que quiser*. E a suplicante tira uma! Mais, disse eu; *leve-as todas*. Ela arrisca mais outra e adiante não passou! Despede-se. O meu cicerone foi agora cicerone. Deu-me uma novidade e deu-me um louvor. *Esta mulherzinha dorme por aí. O senhor padre fez bem em lhe ter dado laranjas*. Duas berçãos naquela hora; o louvor de uma criança e a bênção de uma mulher pobre. Retirei-me daquelle sitio. Estou agora no chamado largo da Sé.

O conjunto é maravilhosol Ali não há fachadas; há frontarias. O pelourinho é a joia.

Tanta harmonia! Tanta proporção! Tanta beleza! Quem teria dado o risco? E mais do que isso, quem teria sido o humilde obreiro? Um anónimo entre os mais, afeito a pão e sardinha, sem nada que o distingua, sem um louvor, nem uma medalha, nem uma palavra, nem nada! Quizera tê-lo conhecido ou conhecê-lo, se ainda vive, para lhe beijar a mão pelo imenso prazer espiritual que me dá, sempre que passo e me demoro a gozar a perfeição do pelouri-

nho da cidade do Porto! Como eu, quantos e quantos!

Agora entro no Barredo. A meia escurpa, oiço uma voz: *já encontra uma a menos. A Eva morreu ontem*. E conta-me de como o senhor abade tinha estado e de como à última hora ela o tornara a chamar. Eu ouvia sem nada dizer. Tinha sido testemunha de quanto aquela mulher sofreu! Nunca teve nada de nada, a não ser as dores e o mal estar da doença que a consumiu. Era um desconforto para quem entrava na casa dela, e quanto maior não seria para a doente que ali morava! Continuei no meu caminho. Uns degraus abaixo, encontro a Engrácia de Ovar, que está habitualmente no portal de uma casa. Vive do que lhe dão. Quer levantar-se mas não pode e do banquito aonde se encontra, olha-me e exclama: *foi pró céu*. Não há pranto. Não há lamúrias. Não há rodeios. Aquela mulher de Ovar afirma o Eterno: *foi pró céu*! Se assim não é. Se aquela desamparada que visitei nove meses, não foi e repousa hoje no seio do Pai Celeste, eu não torço a dizer mais nada, nem escrevo coisa nenhuma; tão pouco vou à África.

Continuo a descer. Nos mais dias não, mas naquele, só se passava por lixo.

Montes dele. Pergunto e soube que às segundas feiras é sempre assim. Era uma segunda feira.

Continuo em direcção aos Arcos da Ribeira. Uma que eu já conheço e que agora não pode andar, ao saber que eu passo, manda recado. Ela quer que eu suba. A que me vem chamar, não deixa de dar avisos enquanto subo os degraus, e quer acender uma luz, e quer segurar o corrimão, e agora, que pare eu um bocadinho e que o degraue a seguir não é de confiança. Tanto me estima e tanto me avisa, que se ali houvesse um desastre, ela queria ser a primeira, só para me poupar! Entramos no cubículo. Ela quer que eu deite. Para quê falar? De que serve aqui a nudez? Mais vale vestir a miséria com roupagens, compor e deixar. É mais decoroso. Eu coloquei a minha mão na fronte da doente, e assim fiquei por muito tempo. A mão era ali a expressão. Desce-mos com o mesmo cerimonial.

Uma vez na rua, ia perguntando ao Tino se ele queria ali ficar ao que respondia, não. *Vamo-nos embora*. *Eu quero ir para casa*. O Tino é das Virtudes. As Virtudes são uma porção do Barredo. Ele não quer uma coisa nem outra. *Vamos pra casa*. E fomos sim senhor.

Estavam dois vapores no rio. Estavam barcos mais pequeninos.

O Tino interessa-se. Pergunta. Quer andar de barco? E eu também, mas o tempo? Tire-o de aopé da tentação: *anda que te vou mostrar uma coisa*. Era o tunel. Fomos ver o tunel.

Agora

Se a do número anterior foi grande, a procissão de hoje nada lhe fica a dever. A frente vai com doze mil cruzeiros um português residente em Tijuca. Ele pede que se lembre da sua família, o pobre que for habitador a nova casita e tudo há de alcançar. Felizes os que usam de misericórdia. Com esta, faz seis o número de casas do «Património» oferecidas por portugueses residentes no Brasil. Tudo isto vai na procissão. Demos agora lugar a outras bandeiras mais modestas e no fim veremos o pátio. A Julieta de Lisboa vai com 500\$. Ao pé vai alguém muito zangado: 100\$ para botar abaixo as tocas. É um feroz bota-abaixo! S. Pedro do Sul leva 80\$. Ao lado vai um sacerdote com 50\$. Um príncipe de Angola leva tábuas, 20\$. Oliveira de Aze-meis enfileira com 40\$. Agora peço o obséquio da vossa atenção e olhem para um de Lisboa que vai com o primeiro dinheiro que ganhou, 240\$. Isto são procissões! O Pessoal do Escritório da Chenop quer dar uma casa aos pouquinhos e hoje vai com 220\$. O mesmo pretendem fazer os Funcionários de uma Companhia de Seguros e vão na procissão. E fazem. Estes e aqueles fazem cada um a sua, aos pouquinhos. Como se elas, as casas, não fossem feitas de pedras pequeninas!

Cá tornam *Minucha, Gracita e Zézinho*. São teimosos! Um pequenino grupo de C. T. I. de Lisboa, quer ir e levam 300\$. Vai aqui uma pá do forno, de Famalicão, 20\$. Os pais e irmãs de um Tenente Aviador, vão aqui de luto com 100\$. Mais telhas do Porto, 40\$. A Covilhã apresenta-se com 100\$; é uma que vive muito triste. Ora isto é que não. Por hoje vai, mas para outra vez não. Se quiser voltar há-de vir contente. Um cristão tem todas as razões para andar contente e nenhuma para tristezas. Uma portuguesa residente nos Estados Unidos, também aqui vai com dez dólares. O Porto torna com 100\$. Aguada de Cima leva 20\$. Vizela 50\$.

Ora agora uma arrumadela por largo. Por muito largo para dar espaço. É o pátio. Debaixo vai Lisboa e Famalicão. Aquela com a duzia e esta com desejo de dar uma casa para o que envia 10 contos e se não chegar, mandará mais.

Esta quantia foi entregue a um cicerone, no dia da espantosa excursão dos Famalicenses e assina-se *Um Famalicense*. Deseja ele que a casa seja assinalada e a exemplo da do Xaixai, também esta vai ser *Casa de Famalicão*. É tudo Portugal. Vão ficar perto. Aquela, como já se disse, fica situada no lugar de Cadeade, freguesia de Paço de Sousa. Esta, no lugar das Alminhas, freguesia de Galegos, e ambas à beira da estrada nacional. Temos pois um lisboeta e um de Famalicão, atraindo sobre si as vistas de toda a gente. É o pátio. O primeiro já se explicou; a duziazinha. O segundo queira aviar-se; são mais dois.

Ficamos à distância de 696 contos. É o fim!

Adquira o

«Isto é a Casa do Gaiato»

Não se reserve para a última hora! Assim como o primeiro, o segundo volume está quase esgotado!

Faça hoje o seu pedido num simples postal à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato

PAÇO DE SOUSA